

Resenha — D.Pedro I: A história não contada
Paulo Rezzuti

Pedro Calligaris Delbem — N_{USP} : 5255417

Prof. Francisco Rodrigues
27 de novembro de 2025

O mais brasileiro e liberal que um monarca português poderia ser

Introdução

Uma excelente biografia que retrata os fatos da maneira mais imparcial possível. Sempre buscando ressaltar os feitos positivos e negativos da personagem, o autor nos apresenta um d. Pedro I humano, com suas virtudes e defeitos, mas que jamais deixa de ser o protagonista da independência do Brasil, de sua primeira constituição e do enfrentamento ao absolutismo em Portugal.

Estrutura da Obra

A estratégia do autor de introduzir a história da dinastia de Bragança e o contexto político europeu antes de iniciar a narrativa da vida de d. Pedro I é extremamente válida, uma vez que nos permite compreender melhor as motivações do personagem e o cenário em que os fatos ocorreram. Nesta parte do livro se faz possível compreender o quanto “frágil” a história é, já que pequenas decisões tomadas por personagens históricos podem ter levado a rumos completamente diferentes. Somam-se a isto diversas curiosidades, como o fato de um ancestral de d. João VI ter sido “amaldiçoado” por um padre que teria dito que nunca os primogênitos da linhagem de Bragança reinariam. Curiosamente, a maldição se confirmou.

Por outro lado, o livro é vendido com a ênfase de que traz cartas inéditas relacionadas ao imperador, mas não deixa claro quais fatos são provenientes destas. Apenas me lembro de uma passagem em que o autor cita uma carta que advém desta nova fonte, mas não se refere a um acontecimento relevante. Fico com a impressão de que o “marketing” em cima deste ponto foi um tanto exagerado ou então que o autor não soube demonstrar devidamente a influência destas cartas na narrativa.

Além disso, a completude do autor de finalizar o livro com breves histórias dos descendentes de d. Pedro I torna o livro completamente cativante. A história que mais me chamou a atenção foi a de um filho bastardo que teve todas as suas posses roubadas quando chegava aos Estados Unidos e que, mesmo assim, conseguiu se reerguer e tornar-se um empresário de sucesso. Ele só veio a descobrir sua verdadeira identidade anos depois, com a morte de seu pai.

Sobre a Personagem

A imparcialidade do autor é notória, porquanto não se furta de deixar claro que d. Pedro I, apesar de se dizer constantemente um liberal, tomou muitas atitudes absolutistas provavelmente devido à sua criação no seio da monarquia portuguesa. Por outro lado, o autor não deixa de ressaltar os feitos do imperador, como a luta pela independência do Brasil e a defesa da constituição tanto no Brasil quanto em Portugal.

Um exemplo claro desta contradição da figura é o combate à escravidão. Apesar de ter sido um ferrenho defensor do fim da escravidão no Brasil, d. Pedro I possuía escravos em sua fazenda no Rio de Janeiro. O autor não deixa de ressaltar este fato, mas o contextualiza dentro do cenário da época, em que a abolição total da escravidão era algo praticamente impossível de ser alcançado. Assim, d. Pedro I é retratado como um homem que lutou pelo que era possível dentro do cenário político e social da época.

Outro exemplo notório é o fato de a Constituição de 1824 ter sido outorgada por d. Pedro I, ou seja, sem a participação da população. O autor ressalta que, apesar de ser um ato contrário aos princípios liberais, a constituição foi um avanço significativo para o Brasil, visto que estabeleceu direitos e garantias fundamentais para a população que a versão anterior proposta pela Assembleia Constituinte não contemplava.

Outro ponto que me fez pensar foi entender a confiança depositada no irmão d. Miguel apesar de ele já ter tramado um golpe contra o pai. Penso que, talvez, d. Pedro I o tenha escolhido para o casamento com d. Maria II — e, portanto, regente de Portugal — para tentar “matar dois coelhos em uma só cajadada” resolvendo o problema de Portugal e se reconciliando com o irmão, ao mesmo tempo. Entretanto, parece-me uma postura demasiado inocente.

Já quanto à brasileiridade da personagem, fica claro que d. Pedro I se via como brasileiro e que sua ligação com o país era muito forte. Ele chegou, até mesmo, a considerar que a Assembleia Portuguesa recusaria-o como regente de Portugal, por considerá-lo brasileiro demais. É curioso ressaltar que, talvez, este sentimento de brasileiridade tenha se originado da morte de seu filho João Carlos, que foi resultado de uma viagem forçada que Leopoldina e os filhos tiveram que fazer para fugir de um conflito gerado por portugueses exaltados que clamavam pela volta de d. Pedro a Portugal. Sua ligação com o Brasil foi, assim, reforçada pela perda do filho.

Reflexões Pessoais

A leitura também me fez refletir sobre o ensino no nosso país, pois passei pelos ensinos infantil, fundamental e médio completamente ileso a diversos fatos extremamente relevantes da história do país e do mundo, além da forma anacrônica que a história é ensinada. Um exemplo claro disto é que, à época, homens terem amantes era algo não só socialmente aceito, mas talvez mesmo até um alívio para a mulher, que não precisava se preocupar com novas gravidezes, tendo em vista que não havia métodos contraceptivos eficazes na época.

Uma característica que me chamou a atenção foi a valorização da educação por parte de d. Pedro I. Justamente por não ter se educado adequadamente, ele via os estudos como algo fundamental para o desenvolvimento pessoal e social. Desta forma, ele sempre incentivou a educação de seus filhos — legítimos ou não — e de seus súditos, buscando sempre promover o acesso ao conhecimento, além de ter colocado na Constituição de 1824 a obrigatoriedade da educação primária para todos os cidadãos brasileiros.

Conclusão

Faz-se notar como o anacronismo pode nos fazer julgar erroneamente personalidades históricas. Enquanto gerado no absolutismo, d. Pedro I foi tão liberal quanto poderia ser: lutou como pôde pelo fim da escravidão no Brasil e foi ferrenho defensor da causa constitucional por onde passou.

Embora a análise não anacrônica — em parte — deva compreender suas traições, também nos faz julgar como terríveis a humilhação à qual o imperador submeteu sua esposa ao assumir os filhos fora do casamento e ao alçar Domitila ao mais alto posto.

Concluo que é uma excelente experiência de leitura e recomendo a qualquer um que tenha interesse por história e especificamente para aqueles que desejam entender o porquê de o Brasil ser como é.